

FAGUNDES, Márcia Verssiane Gusmão  
*Universidade Estadual de Montes Claros / Unimontes*  
[Marciaverssiani@yahoo.com.br](mailto:Marciaverssiani@yahoo.com.br)



CUNHA, Maria das Graças Campolina  
*Universidade Estadual de Montes Claros / Unimontes*  
[gracapira@yahoo.com.br](mailto:gracapira@yahoo.com.br)

## **DESENVOLVIMENTO SOCIAL E TURISMO CULTURAL: manifestações culturais populares como atrativo turístico e valorização social.**

**Paisagens, Património e Desenvolvimento**

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Social - Turismo Cultural – Atrativo Turístico

### **1. INTRODUÇÃO**

O turismo, por sua diversidade de atividades e por usufruir condições tanto naturais quanto humanas possibilita direcionar as políticas públicas em busca de inserção social. Para Michelin (2003, p.66), é uma atividade que deve gerar satisfação a quem o consome e desenvolvimento a quem o produz. É preciso harmonizar estes interesses e adaptá-los ao desenvolvimento social e sustentável dos destinos.

A partir dessa perspectiva, as conseqüências do turismo não seriam compreensíveis por meio de visão restrita ao quantitativo, diversas vezes verificada nas estatísticas e disponibilizadas pelo setor. Contrariamente a essa realidade, atualmente temos um conjunto de mudanças qualitativas, “de novos condicionamentos da sociedade, da economia e do território” (Harvey, 1992).

Visto dessa forma, o turismo funciona como ator coadjuvante a favor do desenvolvimento, tanto na concepção quanto na percepção sobre a utilização dos atrativos naturais e culturais.

Coriolano (2003, p. 162) afirma que o desenvolvimento da atividade turística não se refere apenas à economia, ao contrário, a economia deve ser tomada em função do desenvolvimento.

Diante da diversidade cultural e das modalidades turísticas existentes no Brasil, a inserção das manifestações culturais como produto turístico e como recurso a fim de minimizar as diferenças sociais na localidade podem vir a ser uma forma de valorização dos grupos culturais locais que, envolvidos nessa categoria, ampliam as perspectivas de preservação da cultura local, ao enquadrá-lo no segmento do turismo cultural.

Enquanto objeto reflexivo pretendemos nessa comunicação abordar os conceitos de desenvolvimento e turismo com enfoque no segmento cultural e as possibilidades de desenvolvimento social advindas desta atividade no município de Pirapora/MG. Temos como objeto de estudo o Grupo Folclórico Santa Cruz inserido na região cultural do Vale Mineiro do rio São Francisco, localizada no norte do estado de Minas Gerais / Brasil, na cidade de Pirapora/MG e suas manifestações culturais locais.

A partir das manifestações e da valorização cultural o grupo Santa Folclórico Santa Cruz consolida seu papel social como um atrativo turístico encontrando no segmento cultural uma maneira de se fazerem presentes socialmente e buscar valorizar as tradições e a cultura local mesmo diante de condições adversas.

### **1.1 A CULTURA PIRAPORENSE: manifestações culturais como elemento de inserção social e do turismo local**

Pirapora se desenvolveu às margens do rio São Francisco, denominado rio da Integração Nacional. Segundo Rocha (1940), o rio foi um importante recurso no processo de constituição da região.

Desempenhando importante papel no povoamento de suas margens na construção de uma identidade natural e cultural, caracterizando os moradores das beiras desse Rio. Cultura rica em musicalidade, lendas, tradições, artesanatos, danças, amores e ritos, sintetizando a história da vida das águas e dos homens e das mulheres na ribeira.

Portanto, o município é marcado pela sua diversidade cultural, com cultura de raiz intitulada sertaneja, o que o diferencia pela sua linguagem, rituais e mitos folclóricos, culinária e

religião, distinguindo-o das demais regiões do Estado mineiro, com identidade própria. Dumont (2007, p. 36) descreve-os como:

Povo ribeirinho, sertanejo, barranqueiro (termos utilizados pelo povo das barrancas do velho Chico) vai sendo construída ao longo das relações do homem com o espaço e por suas percepções e interpretações.

De uma maneira geral, configura-se em função do rio o perfil sócio, econômico e cultural, calcado sobretudo na produção familiar desses cidadãos descritos culturalmente como ribeirinhos (figura

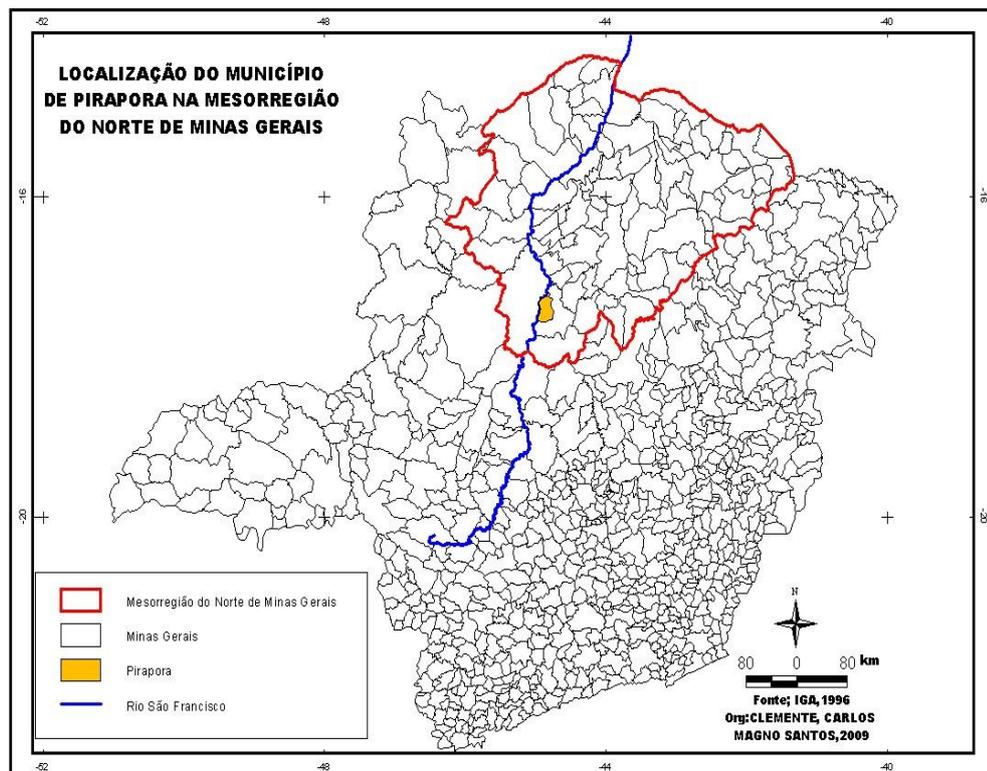


Figura 01: Localização Geográfica Município de Pirapora/MG

Na sociedade que compartimenta cultura, ignorando-a como uma qualificação capaz de iluminar todo e qualquer segmento, a lógica da separação também determina a existência de usos e funções culturais específicos, tipicamente convenientes, apropriados e intransferíveis. Dessa forma, o valor cultural não está nas coisas, mas é produzido no jogo concreto das relações sociais (GEERTZ, 1989 p 112)

A maneira como o ser humano estruturou sua vida desde os tempos remotos expressa sua cultura, reconhecida por meio das manifestações que, no decorrer do tempo foram substituídas por outras, por meio da evolução da sociedade que alterou os comportamentos e a organização social, nesse sentido podemos afirmar que a cultura é dinâmica e sofre mudanças, de geração para geração.

Essas alterações físicas, humanas, políticas, econômicas associadas às manifestações culturais diversas, agregaram e promoveram mudanças significativas no contexto espacial mundial são, portanto fatores condicionantes da contemporaneidade que reestruturam e proporcionam novas formas culturais na atualidade.

A partir dessas mudanças e associações Pirapora tem sua cultura local focada em dois distintos segmentos em termos de representatividade. O primeiro formado pelas danças folclóricas (rodas de São Gonçalo, cantorias de barranqueiros, encontros de folia de Reis e Reisados e outros) em diversas modalidades e tipos e o segundo segmento representado pelo artesanato e esculturas em madeira (carrancas e santos). Como área de interesse para essa reflexão, tem-se concentrado no primeiro segmento, ou seja as manifestações culturais

## **1.2 Desenvolvimento, Cultura e Turismo Cultural**

Enquanto objeto reflexivo o desenvolvimento faz parte das ciências sociais, uma vez que extrapola as relações meramente economicistas. Assim, as discussões conceituais sobre as temáticas tornaram-se bastantes fervorosas diante às diferentes categorias científicas.

No Brasil, Furtado (1974, p.75) ressalta que, desenvolvimento extrapola a visão de crescimento econômico sustentado, mas deve ser concebido como um conceito integralizador, que transpõe o setor econômico, está associado a investimento social, portanto, “investimento, não é gasto”. Furtado (1974) não existe, portanto, separação entre os setores “econômico e o social”, mas sim a necessidade em agregar consistentemente as diferentes dimensões. Logo, desenvolvimento não deve ser visto numa concepção restrita, mas com um processo de socialização de oportunidades.

Segundo Paula (2002, *apud* Duarte 2006), o “sentido de desenvolvimento deve ser o de melhorar a qualidade de vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das pessoas que estão vivas hoje e das que viverão no futuro”. Duarte (2006), considera que o conceito de desenvolvimento está implícito a relação de que:

O crescimento econômico não traz desenvolvimento a menos que conserve o meio ambiente, crie empregos e contribua para mitigar a pobreza e as desigualdades sociais. Nesse contexto, para avaliar o avanço de um município e de uma população não se deve considerar apenas os aspectos econômicos, mas também os aspectos sociais, ambientais culturais e políticos que influenciam na qualidade de vida e na conquista de um futuro sustentável (Duarte, 2006).

A partir da década de 1960, a modernização agrícola, a industrialização, os grandes projetos de irrigações e reflorestamentos dentre outros, na região norte mineira transformaram os espaços, modificaram as formas de produzir e viver. Barbosa e Almeida (2008), apontam que *“a natureza conhece um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultados da cultura”*.

Os resultados dessa humanização cultural, ou seja, os novos comportamentos humanos e a distribuição destes no espaço geográfico, causaram o distanciamento existente entre a tradição e a modernidade, justificados pelas mudanças comportamentais entre as pessoas e os grupos a qual pertencem, conseqüentemente, o sentimento de pertencimento e identidade torna-se apenas lembranças.

[...] as identidades são as representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro; por ter de estar em contacto, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos e, no seu interior, aqueles que qualificam e identificam a pessoa, o grupo, a minoria, a raça, o povo. Identidades são, mais do que eu sinto, não apenas o produto inevitavelmente da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento social da diferença. (Brandão, 1988, p.34)

Entre as modificações e as permanências decorrentes da modernidade e das tradições mediadas pela cultura durante a construção das relações sociais de uma determinada sociedade, manifestadas de formas diferenciadas pelas classes sociais e explicadas por comportamentos diversos, tem-se como forma de liberdade as manifestações de resistências embutidas na permanência dos ritos, danças, símbolos, signos, imagens e lendas, presentes no cotidiano do povo ou mesmo na adequação e/ou negação desta pela modernidade.

Nessa perspectiva, cultura faz parte de todas as relações dos grupos sociais, determina suas identidades e características. É válido ressaltar que a cultura é repassada pelos nossos ancestrais, Brandão (1988 p. 47), ressalta que *“as crianças e os adolescentes aprendem convivendo com a situação em que se faz aquilo que acabam aprendendo”*, assim cultura é construída baseada nas experiências e realidades vivenciadas delineando sua própria cultura, mas que, ao mesmo tempo, também recebem influências de outros grupos que poderão modificar as estruturas internas existentes ou as realidades dos outros grupos sociais.

O universo cultural é historicamente criado nos sentidos e valores que o sustentam, precisam ser explicitados. Em outras palavras, os valores culturais não são espontâneos, não se impõem por si próprios. Não nascem com o indivíduo, não são produtos da natureza: decorrem da ação social. As seleções e opções feitas pelos indivíduos e grupos, para serem socializadas e se transformarem em padrões, necessitam de mecanismos de identificação, enculturação, aceitação.

A cultura pode ser mediadora da valorização espacial, por meio da expressão de fé, ritos, modos particulares de ser, agir e também transformar a realidade, devido ser uma forma de expressar e a manter passado e presente, solidificado por meio dos símbolos que a mesma impregna no espaço geográfico. Para Geertz (1989, p. 102) a Cultura,

[...] denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressa em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Assim verifica-se que, o aprendizado e o convívio produzido entre o grupo e os demais indivíduos denominam-se Cultura. As preferências de cada região ou lugares manifestam a estrutura cultural dos grupos humanos, visualiza-se as características e peculiaridades embutidas nos significados e reforçam a unidade coletiva. As manifestações, usos tradicionais e populares são consideradas por Beni (2004, p.309) da seguinte maneira:

Todas as práticas culturais que são tidas como específicas de cada lugar ou região que as integram, ou ainda idênticas em nível nacional como: atividades cotidianas e festivas de ordem sacra ou profana, de caráter popular e folclórico, consideradas objeto de apreciação e/ou participação turística.

Diante da possibilidade de apreciação e/ou participação das diferentes atividades que poderão desencadear como turísticas a partir das manifestações culturais como produto turístico, é destacado por Beni (2004, p. 89) que “o turismo contribui para a preservar valores culturais que também possui valor específico para o turista”. O Ministério Turismo em Orientações Básicas (BRASIL, 2006 p. 17) considera que:

O turista cultural valoriza a cultura em toda a sua complexidade e particularidade, movimentando-se em busca de ícones que representam a identidade local e a memória coletiva. Ambos os conceitos remetem a um conjunto de experiências, fatos históricos e elementos culturais comuns a um grupo ou comunidade, e que podem ser representados pelos bens culturais materiais e imateriais que compõem o patrimônio.

Assim, as atividades associadas ao turismo cultural são variadas e complexas, as sociedades possuem características e manifestações diferentes em relação à cultura e modos de vida como um todo, portanto existem inúmeras possibilidades para conhecer e descobrir as identidades e às memórias coletivas.

Diante do exposto Brandão (1988, p.62) afirma que “a cultura mesmo quando resultante de expropriações e imposições no passado, resiste como modo de pensar, sentir e fazer do povo” o que justifica a singularidade intrínseca dos lugares, é o que podemos visualizar em Pirapora no seu vasto território ribeirinho, localizado na região cultural do Rio São Francisco.

### **1.3 MANIFESTAÇÕES POPULARES COMO ATRATIVO TURÍSTICO E VALORIZAÇÃO SOCIAL: o caso do Grupo Folclórico Santa Cruz**

O grupo Santa Cruz é composto por 35 membros distribuídos 06 (seis) tipos de danças dessa maneira contagiam a todos e disseminam seus personagens na singeleza do palco “a rua”. A partir da apropriação do imaginário dos moradores do bairro Bom Jesus, seus componentes criam ambientes e personagens no consciente dos expectadores, com o objetivo de reportar às figuras de animais que faziam parte do cotidiano dos moradores das margens do rio São Francisco.

Os participantes do grupo e demais componentes da comunidade trazem consigo memórias e tradições que foram cristalizadas e exteriorizadas confirmando a identidade local por meio das manifestações demonstradas aos visitantes.

A comunidade do bairro Bom Jesus tem no grupo Santa Cruz seus legítimos multiplicadores da Cultura popular local, manifestadas a partir das danças típicas da região ribeirinha do Rio São Francisco que enraizaram os veios culturais do grupo com sua maneira particularizada de seus componentes (músicos e bailarinos) que cantarolam suas cantigas de roda, manifestadas nas brincadeiras de criança, no bate papo e encontros dos ensaios no cruzeiro Santa Cruz, enriquecidos com as brincadeiras utilizadas pelos moradores como forma de consolidar o processo de construção da identidade local.

A inserção do Grupo Folclórico Santa Cruz como atrativo turístico cultural na localidade de Pirapora/MG está associado ao desenvolvimento do capital social, cultural e humano. Sua participação constitui em importante instrumento para compreender e enfrentar os desafios dos tempos atuais associados aos desafios da globalização e ao desenvolvimento social,

conjugado à capacidade de preservação da cultura local diante às mudanças no perfil social dos cidadãos.



Figura 02: Apresentação do Grupo Folclórico Santa Cruz - Praça dos Cariris - Pirapora/MG

Nesse sentido, para Espírito-Santo (2008) o conceito de desenvolvimento social é enfatizado no sentido de não generalização, pois cada situação apresenta suas peculiaridades e os índices sociais e econômicos podem ser considerados como mecanismo de compreensão da realidade, mas não únicos instrumentos para analisar a situação social de determinada comunidade.



Figura 03: Grupo Folclórico Santa Cruz / Pirapora- MG

Oliveira (2002, p.126) descreve que desenvolvimento social pode ser considerado componente participativo da cidadania mesmo no capitalismo desregulado e em tempos de globalização. Assim o grupo Santa Cruz transpõe as barreiras da modernidade e insere na perspectiva de buscar na essência da cultura ribeirinha formas de interpretação por meio das músicas e danças de roda, expressar o passado e presente em símbolos impregnados no espaço geográfico.

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante a inserção e participação do Grupo Folclórico Santa Cruz na sociedade e o trabalho que é difundido socialmente na comunidade de Pirapora/MG, existe a valorização social simbólica constituída das memórias e tradições que foram cristalizadas e exteriorizadas e que afirmam a identidade local por meio dos participantes demonstradas nas manifestações aos visitantes consideradas fator para todos os integrantes embutidas de sentimento de hospitalidade aos visitantes.

Portanto, não se pode pensar em desenvolvimento de maneira estanque, ao aliarmos turismo na perspectiva cultural, devemos centrar na valorização e inserção da população excluída economicamente da sociedade que podem ser transformada em atores participativos e atuantes no processo de desenvolvimento social local.

Compreendemos que a inserção do Grupo Santa Cruz, como atrativo turístico cultural na localidade proporcionou o desenvolvimento do capital social, cultural e humano. Os integrantes do grupo folclórico Santa Cruz diretamente envolvidos (idosos, adultos, jovens e crianças) sem distinção etária, sentem gratificados, o que podemos considerar como fator positivo, pois contribui para garantia da perpetuação do grupo e valorização do sentimento de pertencimento com a localidade.

Furtado (1974) que considera que o desenvolvimento social está associado situações específicas e os índices sociais e econômicos podem ser utilizados como mais um meio de compreensão da realidade, mas não o único instrumento levado em conta ao se analisar uma situação social.

## REFERÊNCIAS

Barbosa, Romero Ribeiro; Almeida, Maria Geralda de (2008) Algumas considerações sobre as políticas públicas de turismo no estado de Goiás. [Acedido em 23 de Agosto de 2008]. <http://www.revistamirante.net/2ed/9.pdf>.

Beni, Mário Carlos. (2004). Análise Estrutural do Turismo. 10 ed. Senac/São Paulo.

Brandão, Carlos Rodrigues. (1988) O que é Folclore. Ed. Brasiliense. São Paulo

Claval, Paul. (2003). In Bertrand Brasil (ed) A contribuição Francesa do desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. Correa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny (orgs.) *Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: 147-166.

Coriolano, Luzia Neide Menezes Teixeira.(2003) Os limites do desenvolvimento e do turismo. PASOS – Revista de Turismo Y Patrimonio Cultural. 1(2): 161-171.

Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny (orgs) (2003). Introdução à Geografia Cultural. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico (2006) Coordenação-Geral de Segmentação. Turismo Cultural – Orientações Básicas. Brasília: Cartilha de Divulgação da Entidade. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Brasil.

Dumont, Sandra Regina Tôrres. (2007) São Francisco – caminho geral do sertão: cenários de vida e trabalho de pescadores tradicionais em Pirapora e Buritizeiro – Norte de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG.

Espírito-Santo, P.S. M. F. Oliveira, P. T; Ribeiro, D. F. (2008) O conceito de desenvolvimento social sob a ótica do pensamento complexo. 4º Congresso Brasileiro de Sistemas. UNI-FACEF. Franca /SP.

Furtado, Celso M. (1974) O mito do desenvolvimento econômico. Círculo do Livro. São Paulo.

Geertz, Clifford. (1989). A interpretação das culturas. Livros técnicos e científicos. (LTC). Rio de Janeiro.

Harvey, David. (1992) A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Miria Stela Gonçalves. Loyola. São Paulo.

Michelon, Andreza. (2003) Capacidade de Carga e os Impactos Sócio-Culturais e Ambientais do Turismo. In Revista Eletrônica Turismo & Hospitalidade. Electronic Edition, V.01. [Acedido em 10 de Agosto de 2008]. [www.turismoehospitalidade.hpg.com.br](http://www.turismoehospitalidade.hpg.com.br).

Oliveira, P. T. (2002) O direito à cidadania face às novas relações econômicas internacionais. In: Revista Paradigma. Ribeirão Preto: Unaerp, 11 (13/14): 119-126.

Rocha, G. (1940) O rio São Francisco: factor precípua da existencia do Brasil. Cia. Das Letras Editora Nacional. São Paulo.